



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS



VITÓRIA REATTI

NOTAS SOBRE ASSÉDIOS NA ÁREA DA GINÁSTICA COMPETITIVA: UM
RETRATO DAS NOTÍCIAS DO SÉCULO XXI

Limeira
2021



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS



VITÓRIA REATTI

NOTAS SOBRE ASSÉDIOS NA ÁREA DA GINÁSTICA COMPETITIVA: UM
RETRATO DAS NOTÍCIAS DO SÉCULO XXI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências do Esporte à Faculdade de
Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de
Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Toledo
Co-orientação: Prof. Doutorando Matheus Antonio Gomes

Limeira
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Sueli Ferreira Júlio de Oliveira - CRB 8/2380

- R235n Reatti, Vitória, 1995-
Notas sobre assédios na área da ginastica competitiva : um retrato das notícias do século XXI / Vitória Reatti. – Limeira, SP : [s.n.], 2021.
- Orientador: Eliana de Toledo.
Coorientador: Matheus Antonio Gomes.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.
1. Assédio no ambiente de trabalho. 2. Ginastas. 3. Mulheres. I. Toledo, Eliana de, 1973-. II. Gomes, Matheus Antonio. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

Titulação: Bacharel em Ciências do Esporte

Banca examinadora:

Wagner Xavier de Camargo

Data de entrega do trabalho definitivo: 14-01-2021

Autor: Vitória Reatti

Título: Notas sobre assédios na área da ginástica competitiva: Um retrato das notícias do século XXI.

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências do Esporte.

Instituição: Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas.

Aprovado em: 14/01/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliana Toledo (Orientadora) – Presidente
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo – Avaliador
UFSCAR – Campus São Carlos

Este exemplar corresponde à versão final da monografia aprovada.

Profa. Dra. Eliana Toledo (Orientadora)
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado a todas as mulheres que lutaram e ainda lutam pelo seu espaço nesse mundo.

AGRADECIMENTOS

Aproveito esse espaço para agradecer profundamente cada pessoa que esteve em minha vida até o momento, cada pessoa que compartilhou a vida comigo mesmo que por pouco tempo, pois sem vocês, eu não seria quem sou eu. Gratidão.

Sou profundamente grata a minha família por todo o apoio desde que eu nasci. Mãe, você é uma guerreira por sempre incentivar meus sonhos e sou muito grata em ser sua filha. Espero sempre te encher de orgulho. Meu avô Negão foi uma pessoa fundamental para mim, o tanto que eu te admiro não está escrito no céu.

Durante a minha graduação eu cultivei relacionamentos mais que especiais que sei que levarei por muito tempo, eles que me fizeram crescer e amadurecer diante de varias situações vividas nesses últimos quatro anos.

Não sou muito boa em expressar meus sentimentos por palavras, creio que gestos falam muito mais alto, mas por aqui, eu quero deixar meus sinceros agradecimentos ao meu grupo, meu melodrama, meu quarteto que tenho em meu coração eternamente. Minhas meninas que me reergueram varias vezes durante esses anos, as festas, as danças, as conversas e até as brigas vão ficar na memória. Noelle Praxedes, Leticia Magalhães, Sofia Camanho e Gabriella Mascella obrigada por tudo até agora.

Gabriella é obvio que não podia deixar de falar especialmente de você. Você sempre esteve lá por mim desde o começo em literalmente todos os momentos e com isso eu ganhei mais que uma melhor amiga, ganhei uma irmã, minha gêmea, minha pessoa para dividir os momentos comigo. Eu já disse que amo a gente?

E agradecer imensamente a todos que contribuíram para a minha formação, o corpo docente de Ciências do Esporte, pois sou o que sou, pois vocês me ajudaram e me incentivaram nessa caminhada. Muito obrigada por essa jornada de conhecimento, meus mentores e professores, que possuem um carisma tão grande quanto sua sabedoria, virando até amigos dos alunos. Vocês me inspiram muito.

Gratidão. Para a minha orientadora Eliana Toledo (Lica) e ao Doutorando Matheus Antonio Gomes, vocês foram um dos pilares mais importantes para a conclusão desse projeto. Matt agradeço imensamente você por todas as vídeos

chamadas para me ajudar nessa etapa, é aquele famoso ditado que eu edito, mal te conheço e já te considero absurdos! Muito obrigada por toda a paciência que tiveram comigo e por confiarem em mim. Lica foi um honra poder escrever essa pesquisa sob sua orientação, não me via escrevendo meu TCC sobre nenhum outro tema e agradeço imensamente por ter me ajudado ainda mais nesse período de pandemia que vivemos.

REATTI, Vitória. Título: Notas sobre assédios na área da ginástica competitiva: Um retrato das notícias do século XXI. 2021. nºf 59. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Ciências do Esporte. – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2021.

RESUMO

Os últimos anos têm sido marcados por várias denúncias de abusos e assédios no esporte, muitos deles na ginástica e veiculados pela mídia, e isso não deve passar despercebido pela área acadêmica. Assim, esta pesquisa tem como objetivo expor as situações de assédio que as mulheres ginastas vivenciam enquanto estão em seu ambiente de trabalho. Utilizando uma pesquisa com abordagem bibliográfica e documental, que aborda o tema sobre o assédio e abusos que as ginastas de alto rendimento sofrem durante a prática esportiva. A coleta de dados se iniciou no ano de 2020 durante o mês de outubro, que predispuseram de um recorte temporal de 20 anos de publicação, desde o ano 2000 com o intuito de a pesquisa obter um caráter recente do século XXI. Os resultados evidenciaram que há um grande leque de informações que abordam essa temática, principalmente no ambiente de trabalho, seja ele qual for, as mulheres sofrem diariamente com ataques de assédios, tanto sexual como moral, podendo sérios problemas de saúde, tanto fisicamente como psicologicamente para as vítimas desse tão horrendo crime. Especificamente na área da Ginástica, identificamos em nível nacional e internacional que os assédios estão ocorrendo dentro dos ginásios, com maior incidência na ginástica artística e rítmica de alto rendimento. Os dados apontam ainda que os abusos são mais realizados por membros da equipe técnica, como treinadores e médicos, e que, em muitos casos, possuem a omissão dos órgãos confederativos (CON, COI, COB, CBG, FIG etc). Os assediadores, em sua grande maioria homens, vem sendo pouco punidos, com maior agilidade em alguns países do que em outros. Deste modo, esta pesquisa colaborou para que os assédios e os abusos que acontecem dentro do meio esportivo sejam expostos e não mais reprimidos ou escondidos. Que as atletas, e qualquer vítima desse crime, se sintam confiantes de expor o abusador e procurar pela justiça para que o esporte se desvincule de notícias assim.

Palavras-chave: assédio; mulheres; ginastas; abuso.

REATTI, Vitória. Title: Notes on harassment in the field of competitive gymnastics: A portrait of 21st century news. 2021. nºf 59. Undergratuation in Sport Science – School of Applied Sciences. University of Campinas. Limeira, 2021.

ABSTRACT

The last few years have been marked by several reports of abuse and harassment in sport, many of them in gymnastics and broadcast by the media, and this should not go unnoticed by the academic area. Thus, this research aims to expose the situations of harassment that women gymnasts experience while they are in their work environment. Using research with a bibliographic and documentary approach, which addresses the topic of harassment and abuse that high performance gymnasts undergo during sports practice. Data collection started in the year 2020 during the month of October, which predisposed to a time frame of 20 years of publication, since the year 2000 with the aim of obtaining a recent character of the 21st century.

The results showed that there is a wide range of information that addresses this theme, especially in the work environment, whatever it may be, women suffer daily from attacks of harassment, both sexual and moral, and can cause serious health problems, both physically and psychologically. for the victims of this horrendous crime. Specifically in the area of Gymnastics, we identified at the national and international level that harassment is taking place inside the gymnasiums, with a greater incidence in high performance artistic and rhythmic gymnastics. The data also point out that the abuses are more carried out by members of the technical team, such as coaches and doctors, and that, in many cases, they have the omission of Organs confederative bodies (CON, COI, COB, CBG, FIG etc). Harassers, mostly men, have been little punished, with greater agility in some countries than in others. In this way, this research collaborated so that the harassments and abuses that happen within the sports environment are exposed and no longer repressed or hidden. Let athletes, and any victim of this crime, feel confident of exposing the abuser and seeking justice so that the sport gets rid of news like that.

Keywords: harassment; women; gymnasts; abuses.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM Assédio moral

CGB Confederação Brasileira de Ginástica

COB Confederação Olímpica Brasileira

CON Comitê Olímpico Nacional

EAR Esporte de alto rendimento

EUA Estados Unidos da América

FEF Faculdade de Educação Física

GAR Ginástica de Alto Rendimento

LISTA DE IMAGENS OU FIGURAS

- | | |
|-----------------|---|
| Figura 1 | Matéria sobre a atleta Tayla Harris, jogadora de futebol- é vítima de assédio sexual pela internet. |
| Figura 2 | Sport Club Internacional é alvo de assédio sexual via internet. |
| Figura 3 | Técnico da seleção Haitiana é acusado de abuso sexual. |
| Figura 4 | Vera Caslavaska nas paralelas assimétricas em 1967. |
| Figura 5 | Ex ginasta acusa campeão olímpico de estupro em Copa do Mundo. |
| Figura 6 | Dia de julgamento do Larry Nassar. |
| Figura 7 | Técnico Fernando de Carvalho Lopes é banido da ginástica por ser acusado de abusos. |
| Figura 8 | Página do COB sobre o Canal de Ouvidoria e Ética. |
| Figura 9 | Página de abertura sobre a palestra: Prevenção e Enfrentamento do Assédio e Abuso no Esporte. |

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	MÉTODO.....	19
3	Sobre o assédio e a ginástica de alto rendimento: Um olhar para o século XXI 22	
3.1	O esporte de alto rendimento como trabalho: O assédio e suas interfaces com a lógica do ambiente de trabalho	22
3.2	O assédio de mulheres e meninas.....	26
3.3	Assédio à atleta nas práticas esportivas	29
3.4	Assédio a ginastas meninas e mulheres: notas de divulgações recentes na mídia. 36	
3.5	Perspectiva de superação desse cenário: ações contra os assédios	42
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

O ser humano vive em uma sociedade que necessita de regras que são impostas com o objetivo de buscar sempre a uma convivência harmoniosa e civilizada e a pacificidade entre todos. E no campo da sociologia, ainda dimensionamos o quanto cada ação humana é permeada por um contexto social, o qual possui grande influencia nestas tomadas de decisão. Deste modo, gestos de opressão e assédio acabam por ocorrer, em diferentes culturas, e contextos – sendo um deles o esportivo.

Sabe-se que os direitos humanos constituem-se como direitos básicos assegurados a todo e qualquer ser humano, independentemente da classe social, nacionalidade, religião, cultura, profissão, nível de escolaridade, gênero e orientação sexual (ALSTON, 1991; ALVES, 1994). Posto isso, todo cidadão possui o direito de estar em uma sociedade, porém é permeada por regras que possuem o objetivo de gera conciliação entre todos, criar uma conduta ética e moral para os pilares que a sociedade promove, como o trabalho, relacionamentos (amorosos e familiares), nas relações de trabalho e assim como o lazer. Apesar da constante evolução do ser humano e suas tecnologias, observa-se que no que diz respeito a algumas condutas, ações e ideologias que não compactuam com as regras geradas para o bem estar de todos. Uma delas é o assédio.

A autora francesa Marie-France Hirigoyen (2002, p. 65) define o assédio como “toda e qualquer conduta abusiva manifestando-se, sobretudo por comportamentos, palavras, atos, gestos, escritos que possam trazer dano à personalidade, à dignidade ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa, pôr em perigo seu emprego ou degradar o ambiente de trabalho” (2002, p. 65). Isto significa que o assédio não é apenas uma agressão física com conotação sexual para um indivíduo, está presente são também gestos e atitudes impróprias de uma pessoa com um poder maior que inferioriza a outra.

Isso acaba por , gerando intimidações e preconceitos a partir dessa conduta do agressor e, que, na maioria das vezes, faz com que a vítima não se posicione contra pelo receio do que pode vir acontecer, como uma demissão sem justa causa (caso o assédio aconteça no ambiente de trabalho), e às vezes é acometida uma agressão maior contra a vítima levando-a a sérios problemas de saúde no futuro,

como também ao óbito, caso a agressão seja fatal. O assédio não é simplesmente uma conduta imoral, é um crime, é um ato que deixa marcas nas vítimas durante toda a sua vida.

Neste trabalho abordaremos questões sobre o assédio moral, contudo o assédio sexual também será abordado vigorosamente pelo fato deles estarem interligados e possuírem uma conexão.

Assédio moral (AM) entendido como o uso intencional de poder contra pessoa ou um grupo que pode resultar em malefício para o desenvolvimento físico, mental, espiritual e moral deste(s). É uma das formas de violência, caracterizada por comportamento antiético, entendido como uma reação do sujeito a uma ameaça potencial, segundo sua própria interpretação. Há uma degradação nas relações humanas por meio do estabelecimento de comunicações não éticas, abusivas, caracterizadas pela repetição ao longo do tempo. (CARAN et al., 2010, p.738).

Sendo essa a definição de assédio moral (AM), qualquer comportamento que foge de uma conduta normal dentro de uma determinada situação que possui uma ameaça em potencial. Já o assédio sexual é uma “conduta de natureza sexual não desejada que, embora repelida pelo destinatário, é continuamente reiterada, cerceando-lhe a liberdade sexual” (COELHO FILHO, 2015, p.24). Em outras palavras, uma forma de obter vantagem ou um favorecimento sexual, deixando a vítima constrangida, e ocorrendo sempre entre uma situação de hierarquia, entre uma relação de superior e subordinado. Como no trabalho, por exemplo, onde o empregado é assediado pela sua chefe pela posição hierárquica que eles se encontram, exemplificando a forma que o assédio ocorra por parte do superior onde o empregado deve se sujeitar aos favores sexuais do chefe para que não ocorra sua demissão ou algo semelhante que prejudique seu emprego.

Neste contexto, a violência contra as mulheres (adultas ou jovens) inclui a agressão física, sexual, psicológica e econômica. “É conhecida como violência de gênero porque resulta, em parte, da condição subordinada ainda vivida pela mulher na sociedade” (OLIVEIRA e JORGE, 2007, p.94). Segundo a Organização Mundial de Saúde e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS; 2017) podemos declarar que a decorrência de abusos sofridos pelas mulheres geram muitos distúrbios psicológicos futuros, se convertendo a um problema de saúde público. A violência contra a mulher gera vários impactos na saúde da mesma, se

manifestando do mesmo modo que uma doença física, um impacto tão grande que é necessário o apoio de varias entidades medicas e psicológicas.

Os assédios moral e sexual estão interligados, sendo que o segundo possui algumas características particulares, conforme apresentado na citação a seguir:

O assédio sexual caracteriza-se por alguma ameaça perseguição ou hostilidade contra o (a) subordinado (a), após uma abordagem sexual rejeitada. Por envolver uma situação de poder, caracteriza-se a situação de assédio, no sentido de cercar, deixar sem saída. Nessas condições, a pessoa assediada teme reagir por medo de comprometer sua sobrevivência, que na sociedade contemporânea se realiza por meio do salário percebido em troca de uma jornada de trabalho. (SOUZA, 2006, p.3).

Na maioria das vezes o assédio sexual sucede pelo fato da submissão da mulher ao homem ocorrer de forma autoritária, e tal prática pode ser altamente influenciada pelo que se denominada como machismo, que é “definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação do, de sujeição entre o homem e a mulher” (DRUMONT, 1980, p.81). Ou seja, é caracterizado pela inferiorização, dominação e exploração de pessoas do sexo feminino, geralmente pelo sexo oposto (o masculino). O que parece ainda ocorrer de maneira frequente dentro da sociedade, pois é acometido desde os primórdios atravessando séculos, e tendo sido visto muitas vezes como algo comum, pois como cita Drumont (1980, p.82):, “o machismo pode ser genericamente considerado como um ideal a ser atingido por todos os homens”, criando uma relação de poder de um ser humano sobre o outro que fornece outros tipos de violência, como a sexual, por exemplo.

Lembrando que o machismo não é exercido exclusivamente pelos homens, as mulheres também podem compactuar com condutas machistas devido ao histórico da sociedade em possuir essa cultura machista, e por reproduzirem esses comportamentos que criam regras sobre como as pessoas devem se portar diante da sociedade, criando padrões a serem seguidos com uma cobrança da mesma.

A objetificação da mulher ao longo dos anos foi tão extrema que se fez necessário à criação de uma lei que a protegesse de atitudes opressoras ou qualquer outra importunação sexual sofrida. A Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha:

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. (BRASIL, 2006).

Contudo, apesar de existir essa lei ela não é de fato aplicada, são muitas normas e regras a serem aplicadas que acabam por dificultar na hora de acusar o agressor e ter a justiça feita.

A vítima que sofreu algum assédio ou abuso também pode ser do sexo masculino, assim como o assediador pode ser do sexo feminino. Além do mais, a o assédio sucede na maioria dos ambientes frequentados no cotidiano pelo ser humano, como o local de trabalho, em sua residência em conjunto com seus relacionamentos, sejam amorosos ou familiares ou qualquer outro grupo. Em outras palavras, o assédio se manifesta em inúmeros lugares, proporcionando desconfortos e traumas independentes das pessoas que foram assediadas e em como esse fato ocorreu (de forma verbal, física ou pela internet), isso é um crime e precisa ser tratado como tal.

É neste contexto de mudanças no mundo do trabalho que trabalhadores (as) têm sofrido com violências que atingem todos os setores e categorias profissionais, em países desenvolvidos ou não, trazendo desigualdades, discriminações, estigmatizações e conflitos para as relações laborais, além de problemas de saúde e abandono do trabalho. Entre essas violências estão as agressões, os insultos, as intimidações, o assédio moral e sexual e o racismo. (ANDRADE e ASSIS, 2018, p.2).

Considerando-se que atletas, geralmente os de alto rendimento, possuem o esporte como seu trabalho, nota-se que a pouca de visibilidade das atletas mulheres nas mídias colabora para que as mulheres sejam vistas como algo inferior aos homens. Os assédios também tem sido recorrentes no ambiente de esportivo, e um dos pilares que também está em falta para as mulheres atletas é a visibilidade que a mídia deveria proporcionar

“A ausência das mulheres nos espaços esportivos ou a fraca visibilidade feminina é diretamente relacionada à grande visibilidade dos homens atletas.” (LIMA e MAGALHÃES, 2020, p.67). A falta de visibilidade para o público feminino se mostra evidência como que o machismo acompanha o mundo esportivo, gerando uma submissão das mesmas, que promove varias situações de assédios sendo que

essa visibilidade, ou a falta dela, esta vinculada com a mídia e para isso acontecer de forma igualitária não deveria haver uma distinção de quem é considerado mais significativo para os holofotes. Essa conduta pode ser considerada uma forma de sobrepor o patriarcado no meio esportivo por meio das mídias.

O patriarcalismo tem como regime, determinando lugares onde a mulher deve ou não se inserir, impondo a mulher posturas ditadas como o ideal. Regime esse que desde a sua inserção na sociedade cria regras, comportamentos e padrões no que diz respeito ao sexo feminino e que está culturalmente enraizado e sendo repetido em nossa sociedade por gerações. (VIEIRA, 2018, p.15).

Os padrões de como as mulheres deveriam se portar perante a sociedade é a cultura do machismo intrínseca diante do patriarcado, que pode ser descrita como a subordinação imposta da mulher em relação ao homem, a figura do homem em uma família, por exemplo, não apenas de um pai, mas sim de uma hierarquia em que as condutas que o homem leva para a vida devem ser respeitado e seguido pela família, principalmente para as mulheres da mesma. É um regime que precisa ser seguido, a voz do homem da família irá se sobrepuser na maioria das vezes.

A hierarquia dos sexos manifesta-se a ela primeiramente na experiência familiar; compreende pouco a pouco que, se autoridade do pai não é a que se faz sentir mais quotidianamente, é, entretanto, a mais soberana [...] Tudo contribui para confirmar essa hierarquia aos olhos da menina. Sua cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação do homem. (BEAUVOIR, 2016, p. 28).

Durante a prática esportiva, retomamos que no alto rendimento de qualquer modalidade, o/a atleta está que seja, seja a atleta profissional esta em seu ambiente de trabalho, pois o treinamento, o ato de competir, é o trabalho dela, não é simplesmente um hobby ou um momento de lazer, e como falado mencionado anteriormente, as situações de assédio tendem a ocorrer com certa frequência.

Assédio Moral no Trabalho é um integrante expressivo das inúmeras vertentes da precarização da atividade laboral, constituindo-se em um tipo de violência; também, compõe o complexo quadro dos riscos ocupacionais, mais especificamente, dos riscos psicossociais. (CLÁUDIA et al., 2008, p.738).

A atleta que sofre assédio é inferiorizada e se submete a situações que geram inúmeros desconfortos. Pois ao ocorrer situações de assédio a vítima é humilhada de diversas maneiras, sofrendo abusos sexuais e até psicológicos. Contudo, essa

cultura do machismo não se situa em apenas um público. Homens e mulheres, independente de idade ou classe social, são capazes de gerar esse tipo de comportamento machista, onde o poder exercido se sobressai em forma de abuso, seja ele sexual ou moral.

Ao apropriar-se da realidade sexual, o machismo, em seu efeito de mistificação, supercodifica a representação de uma relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens e representações eróticas, instituições sexuais, etc) produzindo duas “linguagens”: uma masculina e outra feminina. (DRUMONT, 1980, p.82).

Durante os últimos 20 anos a mídia publicou notícias sobre as ginastas de alto rendimento que foram assediadas. A mídia, apesar de expor também os casos de abusos, ainda possui um comportamento machista, quando prevalece assuntos ligados ao público masculino, deixando as atletas mulheres em segundo plano. A equipe profissional de ginastas é composta, não somente pelas ginastas, mas também por treinadores, árbitros e até a equipe médica que deveriam assegurar a saúde e o bem-estar das atletas, porém, infelizmente o assédio vem da própria equipe também.

Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar as notícias divulgadas na mídia nos últimos vinte anos sobre os tipos e formas de assédio às ginastas de alto rendimento, trazendo reflexões sobre os motivos de sua ocorrência e seus desdobramentos. É relevante o presente estudo, pois ele apresenta a importância de se debater sobre a ocorrência do assédio no campo esportivo, como na perspectiva do mercado de trabalho, ou no campo científico, como nas pesquisas. Sendo assim, a pesquisa colabora com dados que evidenciam como isso ainda é recorrente na ginástica de alto rendimento, e como é essencial que isso seja rapidamente banido.

Para atender esse objetivo, o trabalho foi dividido em capítulos a fim de situar, discutir e provocar reflexões no leitor acerca do tema sobre o assédio e ginastas de alto rendimento.

Após a introdução, o primeiro capítulo aborda Iniciando o estudo sobre a definição de alguns conceitos que serão abordados fortemente durante o processo da pesquisa, relacionados ao tema. A explicação sobre o assédio e suas vertentes, o sexismo e o patriarcado, assim como machismo e o feminismo, e como eles se manifestam dentro da sociedade com enfoque no meio esportivo, principalmente na

ginástica de alto rendimento. Trazendo descrições e questionamentos de vários autores que desenvolvem essa temática, seja no âmbito esportivo ou não.

No decorrer do segundo capítulo há um debate sobre uma perspectiva em como o esporte de alto rendimento é considerado um trabalho, e por consequência, ser uma ginasta é ter uma profissão, que necessita de todos os direitos trabalhistas como qualquer outra profissão. Anulando características de que o esporte é apenas um hobby ou um momento de lazer, reafirma que o esporte é um trabalho digno como qualquer outro e merece ser tratado como tal, englobando todas as normas adquiridas pela lei.

O estudo segue com os relatos de assédio às mulheres e ginastas de alto rendimento, que são os tópicos principais a serem abordados, trazendo muitas temáticas, notícias e divulgações recentes acerca do tema. Pautando em como esses abusos se desdobram no meio esportivo, e em como a sociedade lida com isso. Promovendo um foco maior para as notícias recentes do século XXI e as ginastas em seu ambiente de trabalho, enfatizando como esses assédios foram realizados e como se situam as medidas preventivas e as realizadas à posterior da denúncia.

Para concluir o estudo no último capítulo, trazemos notícias sobre a superação das ações contra os assédios cometidos em conjunto com as políticas de prevenção contra o assédio e abuso que estão sendo inseridas no meio esportivo. Planos e propostas que visam a promoção da segurança das atletas, assim como, a promoção da confiança das mesmas no sistema no qual estão inseridas, para que os abusos sejam (e devam ser) reportados a fim de obter justiça e impedir que isso aconteça novamente (com elas mesmas e com outras).

Também é questionado sobre como é viável comentar, exibir e evidenciar acontecimentos sobre os abusos no âmbito esportivo para proporcionar uma maior visibilidade para os casos, e assim, poder ter um menor índice de abusos relatados pelas atletas. O conhecimento gera informação que fornece uma maior segurança para todos.

2 MÉTODO

Essa pesquisa abordou dois tipos de métodos, sendo um bibliográfico e o outro documental, abordando o tema do assédio sexual e moral, assim como os abusos, que as atletas (meninas e mulheres) ginastas de alto rendimento vivenciam durante a prática esportiva.

No caso da pesquisa bibliográfica que “é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”. (VERGARA, 2005, p.48). No caso deste estudo, foi realizado um levantamento de informações sobre o tema em artigos. a temática do assédio no esporte com um enfoque maior na ginástica artística de alto rendimento com todas as matérias possíveis de serem encontradas, como os artigos publicados, teses, revistas e entrevistas com as atletas.

De maneira geral, este tipo de pesquisa busca:

[...] a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. (BOCCATO, 2006, p.266).

Assim, Então de acordo com Boccato (2006) haverá um problema deverá ser encontrado e que será a base principal para o decorrer da pesquisa e logo em seguida uma possível solução para ele. Apesar dessa pesquisa o problema encontrado foi o assédio sofrido por ginastas em seu ambiente de trabalho que por coincidência também é seu ambiente de treinamento. Contudo, é inviável que esse problema possua uma solução que seja de fato eficaz a princípio. Sendo assim, a pesquisa visa proporcionar um conhecimento para o público leigo sobre o assédio sofrido pelas mulheres, assim como providenciar uma preparação contra situações em que o assédio sexual e moral ocorram.

“O mais importante para quem faz opção pela pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico” (OLIVEIRA, 2007, p.69), que são os artigos, teses, dissertações e monografias entre outras publicações que são de domínio científico. Para isso

utilizou-se das plataformas: Google Acadêmico e SciELO, utilizando as palavras-chaves: “assédio; ginastas; trabalho; atletas; mulheres; meio esportivo”, e foram incluídos estudos com publicação nos últimos 20 anos que dissertavam sobre a temática da pesquisa desde 2000. O período da busca foi do mês de outubro a dezembro de 2020.

E, a pesquisa documental que também foi utilizada, “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (OLIVEIRA, 2007, p.69), abrangendo tudo que não possui domínio científico. Para isso foi realizada uma busca em sites e blogs, como “Blog: Elas só querem treinar” esportivos ou que possuem uma sessão dedicada ao esporte, como: o Ludopédio, ESPN, UOL, Globo Esporte, G1, e revistas como o Observador, Revista Brasileira de Orientação Profissional, Revista de Educação e Realidade, Revista de Administração de Empresas, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte e Revista Didática Sistêmica, revistas dessas que giravam em torno de entrevistas com mulheres esportistas que vivenciaram o assédio durante os treinamentos e as competições, e reportagens que abordassem o tema do assédio e abusos ocorridos com ginastas. Para a busca nessas plataformas utilizamos as palavras-chaves: “assédio; meio esportivo; atletas; ginastas; mulheres” e incluídas as matérias/reportagens dos últimos 20 anos que abordavam a temática da pesquisa.

De modo geral as informações retiradas para o decorrer da pesquisa abordavam a temática do assédio a ginastas a nível nacional e internacional de competição, que predispuseram de um recorte temporal de 20 anos de publicação, desde o ano 2000 com o intuito da pesquisa obter um caráter recente do século XXI sobre o que vem sendo publicado no campo científico e nas mídias (fatos ocorridos com as ginastas) sobre o tema como é o movimento da sociedade em relação ao assédio sofrido pelas ginastas. A coleta das informações se iniciou no ano de 2020 durante o mês de outubro em diante até a conclusão do estudo (início de janeiro de 2021).

Após toda a informação de dados coletada sobre o assédio sofrido pelo público majoritariamente feminino, foi realizada uma seleção entre dois tópicos: tema macro e o tema específico.

1. Tema macro: que está relacionado ao esclarecimento do que é o assédio e o preconceito através de autores da sociologia (pesquisa bibliográfica).
2. Tema específico: que está relacionado com o assédio que a mulher sofre dentro do meio esportivo, esse por sua vez teve uma subdivisão, pois foram utilizados meios de busca para pesquisa documental e bibliográfica.

Posto isso, houve outra seleção das informações coletadas, porém dessa vez buscando os principais autores, casos e notícias que coadjuvavam com o decorrer do estudo para iniciar a revisão de literatura.

A análise dos dados coletados se deu utilizando-se a análise de conteúdo de Bardin (2011, p.15), que é: “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

Na terceira parte do livro, a autora apresenta os critérios de organização de uma análise: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. O tratamento dos resultados compreende a codificação e a inferência. Descreve, por fim, as técnicas de análise, categorização, interpretação e informatização, apresentando alguns exemplos facilitadores. (SANTOS, 2011, p.385).

Sendo assim, fez-se nas seguintes etapas: para a pré-análise foi feita uma seleção de arquivos com caráter de pesquisa bibliográfica e documental acerca do tema que depois foram explorados a fim de obter uma relação entre eles para iniciar o estudo. Após a análise profunda de cada informação coletada, houve uma relação descritiva entre elas, apresentando alguns exemplos que facilitaram o entendimento da pesquisa, e constituindo-se temas ou categorias à priori (conforme orienta esta escolha analítica da autora).

3 Sobre o assédio e a ginástica de alto rendimento: Um olhar para o século XXI

Para melhor análise dos dados adquiridos no decorrer do estudo dessa pesquisa foi-se necessária uma divisão de em alguns subcapítulos da temática para facilitar o entendimento do estudo e, seguindo as prerrogativas dando a análise de conteúdo de Bardin, que também orienta a escolha de categorias à priori, a partir de temas de interesse de pesquisa do fenômeno estudado.

O assédio, mesmo sendo um crime, é algo que acontece com frequência, porém, ainda carece de maiores esclarecimentos e estudos, pois pouco se discute sobre como se defender e até mesmo como identificá-lo, ainda mais se as vítimas forem menores de idade e dentro âmbito esportivo. Contextos nos quais impera o “poder do treinador”, ou qualquer outra posição superior ao atleta.

O poder hierárquico muitas vezes é usado em prol de reproduzir situações de assédios e abusos, deixando o (a) atleta constrangido (a) por estar em uma posição inferior e apenas “aceitar” o fato de estar sendo assediada por achar que está tudo bem por vir de um (a) superior (a), havendo um receio do que pode acontecer com a vítima no trabalho caso decida relatar o abuso.

Tendo este cenário como pressuposto, estabelecemos 5 categorias, que vão ser tematizadas e desenvolvidas mais adiante em subcapítulos.

3.1 O esporte de alto rendimento como trabalho: O assédio e suas interfaces com a lógica do ambiente de trabalho

Reafirmando que qualquer esporte de alto rendimento, assim como a ginástica competitiva, é considerado uma forma de trabalho. O sustento da atleta provém do seu treinamento e das competições em que ela participa, sem contar os benefícios trabalhistas que a atleta também adquire como auxílios e bolsas durante toda sua trajetória no meio esportivo. Assim, os/as ginastas são atletas profissionais que trabalham arduamente para ter uma melhor performance nos treinamentos e também para adquirir seu sustento.

“O EAR tem como sustento o espetáculo comercial produzido pelos atletas”. (BUENO, 2008, p.17), por meio de competições, sejam anuais ou semestrais e

torneios; cada atleta possui uma agente a ser cumprida, sempre com a meta de vencer e para isso é necessário a dedicação total nos treinos, que ocupam grande parte do seu cotidiano.

O esporte de alto rendimento (EAR) compreende todas as atividades esportivas fundamentadas na competição sob regras gerais. Seu propósito fundamental é a busca da superação, do recorde e da vitória. Exige alto grau de dedicação, o que implica a busca do profissionalismo, contando geralmente os atletas com remuneração direta por contrato com entidades esportivas e/ou formas de patrocínio. No estágio anterior de semi-profissionalismo os atletas contam com patrocínio e/ou provisionamento de bolsas ou outra forma de renda alternativa que lhes permitam iniciarem e permanecerem em regime de dedicação compatível com o nível de rendimento esperado. (BUENO, 2008, p.17).

Segundo Bueno (2008, p.17) “O fetiche da competitividade do alto rendimento é entendido como maior fator responsável pela expansão do fenômeno esportivo e de sua crescente popularização em todo o mundo”. Ou seja, eventos mundiais são financiados para que as competições possam existir, e que são desenvolvidos promovidos por organizações, ligas, comitês e confederações, fazendo com que o esporte se torne uma mercadoria a ser consumida. Como por exemplo, os mega eventos que ocorrem anualmente, possuem muitos patrocinadores e colaboradores, sendo financiados pelas organizações ou pelo Estado, são eventos que geram muito lucro para os países que o concretizam, que conseqüentemente proporcionam um destaque para os atletas que mais se sobressaíram nas competições.

As transições na carreira esportiva são específicas, sendo elas: a iniciação esportiva, a construção da base de fundamentos, o investimento no treinamento para competições iniciais, a participação de competições mais expressivas tais como eventos regionais e estaduais, competições de alto nível em eventos nacionais e internacionais, bem como a inserção em grandes clubes, profissionalizando-se no esporte. (CAMPOS; CAPPELLE; MACIEL, 2018, p.33).

O atleta e sua carreira esportiva apresentam fases, assim como qualquer outra profissão, no entanto, uma diferença plausível é que no meio esportivo o atleta precisa se destacar ao máximo para ser reconhecido e fazer com que sua carreira se amplie. Uma vez que há poucas iniciativas de políticas públicas ou privada para tratar ex-atletas, então sua vida profissional pode ter data de expiração caso o atleta não seja conhecido pelas suas vitórias em competições.

Não há políticas públicas e nem iniciativa privada para tratar dos ex-atletas. Os profissionais que construíram suas carreiras formais e/ou convencionais têm o apoio do Ministério de Trabalho para continuar tendo renda e atuação no mercado de trabalho após a aposentadoria. Já os ex-atletas, além de perderem por vezes a identidade profissional, por que foram exclusivamente atletas a vida toda e agora já não o é mais, não tem qualquer tipo de programa do governo que permita subsistência vida de aposentado, mesmo que em categoria diferenciada. Ou seja, o sofrimento do corpo, a abdicação e até mesmo as representações feitas pelo país de origem não são consideradas como trabalho, se levarmos em conta, o conceito de trabalho para o Ministério Público. (CAMPOS; CAPPELLE; MACIEL, 2018, p.33).

Com isso, o atleta precisa se destacar na modalidade escolhida, se empenhando ao máximo durante os treinamentos para poder chegar a sua melhor performance. E caso ele se torne um ex-atleta, é provável que ele ainda permaneça no meio esportivo como treinador, técnico ou qualquer outra profissão ligada a sua modalidade. E complementando, que no meio esportivo a iniciação a prática esportiva é precoce. A atleta inicia os treinamentos ainda quando criança para que quando chegar à fase adulta o seu rendimento esportivo esteja no ápice de sua carreira. Assim, este coletivo de autores ainda menciona que:

Sendo assim, a prática do esporte de alto rendimento pode ser considerado trabalho, uma vez que demanda esforço persistente para sedimentação e há retorno financeiro. Considera-se a importância do esporte para a sociedade, ou seja, novamente, destaca-se a relevância que deve ser dada à carreira esportiva, tendo em vista que o esporte gera recursos financeiros, sociais e culturais, para os seus atores e também para outros que com o esporte estejam relacionados, ou seja, iniciativa pública e privada e também a sociedade como um todo. (CAMPOS; CAPPELLE; MACIEL, 2018, p.34).

Como já exemplificamos que o esporte de alto rendimento é considerado um trabalho, por conseguinte, é plausível afirmar que o ambiente de trabalho das ginastas é considerado onde local no qual os treinamentos acontecem. Nessa perspectiva, e dando continuidade a temática do estudo, os problemas de assédio enfrentados no mundo do trabalho, também são encontrados no ambiente de alto rendimento esportivo, com ênfase nos ginásios, mas também em sua extensão, como as salas de atendimentos terapêuticos, para a alimentação e até mesmo nos alojamentos.

A ocorrência desses assédios, nestes locais, parece estar relacionada com questões não somente próprias da cultura da modalidade e das microculturas do ginásio, como bem indicam os autores Bortoleto (2004) e Oliveira (2014), mas também a outras questões que são estruturais em nossa sociedade.

Questões problemáticas como a dificuldade da inserção da mulher no meio esportivo em diferentes modalidades até os dias atuais (como em outras áreas do mercado de trabalho), ou seja, as mulheres ainda são intituladas como “sexo frágil” e não estão sendo consideradas como no mesmo patamar de performance dos homens em nível competitivo, de treinamento e até mesmo de estar ali apenas exercendo uma atividade física por puro prazer.

Segundo Jaeger (2006, p.200) “As relações de poder exercidas entre homens e mulheres no campo esportivo, tem se configurado em posições e acessos extremamente desiguais. Argumentos apoiados em justificativas biologicistas foram/são empregados para respaldar o domínio masculino não só no esporte, mas também em outras instâncias sociais” Seguindo essa linha de pensamento, as mulheres não poderiam praticar esportes por não trazer a tona sua feminilidade, pois uma mulher com “traços masculinos” (não ser delicada, por exemplo, ou se vestir com roupas que são designadas a homens), transcorre uma ideia muito errônea de como uma mulher deve se portar segundo a sociedade.

Outro ponto importante para ser abordado é a referência às concepções de definição de masculino e feminino, nas quais onde as mulheres precisam exaltar sua feminilidade e delicadeza enquanto os homens são designados a serem menos emotivos, mais práticos e mais brutos, se tornando um argumento de que a prática esportiva não são para mulheres, pois, todo mulher deveria ser delicada e feminina enquanto o esporte gera o oposto, uma concepção mais bruta. “Por outro lado, indicavam-se aos homens as práticas corporais que solicitavam força, velocidade, resistência e potencialização muscular; aspectos desejados para destacar a sua masculinidade referendada na agressividade e na coragem demonstradas na prática esportiva” (JAEGER, 2006, p.201). Uma alegação sem finalidade nenhuma uma vez que para praticar esporte, qualquer modalidade que seja, a pessoa precisa em primeiro lugar, querer.

Então, podemos afirmar que o sexo e o gênero que cada ser humano possui são conceitos totalmente diferentes. Uma mulher, por exemplo, nascida no sexo feminino, não necessita possuir atitudes que expressam a feminilidade e a delicadeza que são imposta a ela, e isso não faz com que ela se torne menos mulher ou mais homem. Isso apenas mostra que vivemos em uma sociedade heterogenia onde cada ser humano possui suas características e peculiaridades,

tornando-os únicos de um jeito que não precisa ser questionado perante a nada. Exemplificando um pouco:

É o fato de que, em muitos contextos, meninos são construídos como mais inteligentes do que as meninas, como se a cognição e a racionalidade estivessem relacionadas diretamente à condição biológica, enquanto emoção, sensibilidade e compaixão estariam ligadas à feminilidade. (MENDES, 2004, p.10).

Capitanio (2004, p.02) ainda esclarece que “o conceito de gênero distinguiu entre o fato do dimorfismo sexual da espécie humana e a caracterização de masculino e feminino que acompanham nas culturas a presença de dois sexos na natureza. Há machos e fêmeas na espécie humana, mas a condição de ser homem ou mulher é condição realizada pela cultura”. Ou seja, o modo como a pessoa foi criado, o ambiente em que cresceu e obteve sua formação acadêmica, o convívio social desde a maternidade até vida adulta possui influência em como ela vai se portar na sociedade diante de tais manifestações.

Similar ao relato de Iwamoto (2019, p.66), que traz a seguinte reflexão: “Basta observar como é conduzido todo o processo de educação familiar, onde desde que se identifica o sexo já se inicia um processo de educação e esteriotipação a partir de símbolos predominantes em cada categoria.” (2019, p. 66).

É neste sentido que as relações de trabalho se estabelecem em qualquer ambiente, tendo um ambiente cultural que pode ser tradicional ou revolucionário, patriarcal ou com outra relação hierárquica, e que se respeite ou não nas diferenças de sexo e gênero. Alguns perfis de ambientes são mais propícios do que outros para que os assédios ocorram, e parece que o ambiente de treinamento da ginástica de alto rendimento ainda oportuniza atitudes preconceituosas e o assédio, como veremos adiante.

3.2 O assédio de mulheres e meninas

Durante muito tempo a palavra feminismo, e seu significado, eram inexistentes ou até mesmo censurada por não compactuar com os ensinamentos da época. A sociedade era liderada por uma visão patriarcal e com a imposição do machismo perante todos e quaisquer atividades exercidas, principalmente, pelo

público feminino. O movimento feminista veio com o intuito de tentar pôr um fim nessa desigualdade existente, porém é inevitável excluir a presença de fatores que não colaboram para tal ato. Esse movimento não visa apenas a luta das mulheres em prol de adquirir seus direitos, mas sim haver um ambiente livre de preconceitos na sociedade como um todo.

O feminismo nos leva à luta por direitos de todas, todes e todos. Todas porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. Todes porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero – e de sexualidade – e isso veio interferir no todo da vida. Todos porque luta por certa ideia de humanidade. (TIBURI, 2018, p.06).

Para Duarte (2013, p.152) “penso que o “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos” Tendo essa divergência de assuntos desde o direito ao voto e a inserção da mulher no mercado de trabalho assim como o direito de querer estudar e exercer uma profissão.

Antigamente a vestimenta da mulher era algo a ser controlada pelo marido ou familiares, hoje essa conduta vem sendo foi banida, embora por vezes ainda ocorra. Contudo, os olhares preconceituosos ainda existem. Cada mulher que lutou por todos os direitos que temos atualmente, pode ser considerada feminista, porque é através por meio de cada uma das lutas por elas enfrentadas a luta delas, mesmo que pequenas a princípio, que temos hoje inspiração e forças para continuar com a nossa luta diária e exercer mais ainda o nosso direito dentro da sociedade.

No Brasil, até meados do século XIX, a estrutura extremamente conservadora da sociedade não permitia às mulheres grande participação em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, uma vez que eram criadas para serem esposas e mães. (GOELLNER, 2006, p88.).

É possível afirmar que o feminismo teve grande importância para as mulheres nas modalidades esportivas, visto que antigamente apenas os homens poderiam praticá-los por ser considerada uma atividade que era fora dos padrões das mulheres. Uma atividade bruta que não condizia com a feminilidade que as mulheres precisavam mostrar.

Toledo (2020) também salientou o quanto esse movimento feminista colaborou para a prática de ginástica em geral, principalmente da ginástica de

academia, e com as mulheres realizando práticas até então mais masculinizadas, como a “musculação”.

Na ginástica de competição, tanto durante o treinamento e até mesmo nas competições, não é apenas a equipe de ginastas que compõe o time, mas sim os treinadores, técnicos, árbitros, a banca examinadora, a equipe médica e a de filmagem, e muitas outras que se envolvem com as ginastas, diretamente ou indiretamente, para que a competição e/ou treinamento sejam realizados com êxito. Contratos e mais contratos são feitos durante o processo, ainda mais quando a questão for competição, tudo precisa estar em perfeita sintonia para que seja realizado conforme o programado. E a segurança das atletas é primordial durante o processo, o. Ou deveria ser.

Atletas já foram assediados e/ou abusados em competições pela própria equipe. Pessoas que deveriam ser de confiança, ainda que na maioria das vezes as atletas possam ser menores de idade. A família confia na equipe crendo que eles irão fazer o papel da segunda família e cuidar a todo custo no período em que não podem estar lá presencialmente, infelizmente não é uma conduta adotada por todos na sociedade.

Para Oliveira e Soares (2012, p.198) “A maioria dos indivíduos que vive um estresse pós-traumático tenta evitar tudo aquilo que possa lembrar o assédio, e desenvolve várias estratégias de evitação do problema”. Desse modo, um sonho projetado desde a infância acaba não sendo alcançado na fase adulta. O ato de abusar gera muito mais complicações que só o trauma, é um medo constante de que isso possa se repetir, então consequentemente a vítima se fecha para a vida podendo perder a esperança de não ver a justiça sendo feita, ainda mais quando o caso se delonga para encerrar pela dúvida que a sociedade tem de que se o crime de fato aconteceu.

Tendo em vista toda essa história de assédios e abusos que percorrem a vida de meninas e mulheres, tirando-lhes o direito que deveria ser dado a elas de forma igualitária durante todos os aspectos de sua vida, é indescritível perceber a importância de se relatar abusos que acontecem, pois, para proteger as futuras atletas (e pessoas no geral) de situações de abusos é necessário se falar sobre.

3.3 Assédio à atleta nas práticas esportivas

A prática de atividades físicas cresceu absurdamente nos últimos anos, as pessoas estão criando um hábito (uma rotina) de se exercitarem, seja para a manutenção ou melhora da saúde, ou até mesmo para fins estéticos, e com isso a procura de academias de musculação aumentou. Havendo uma divisão bem tênue da procura entre pessoas do sexo masculino e feminino, sendo a maioria das academias de forma mista. Contudo, houve a importância de existir academias exclusivas para mulheres por fatores que contribuem para o aumento de assédios durante a prática de musculação.

Frazão e Coelho Filho (2015) elaboraram uma pesquisa sobre os motivos para a prática de ginástica em academias exclusivas para mulheres, um fato muito indagador. O método de pesquisa envolveu entrevistas com praticantes, a partir de foi um roteiro semiestruturado, que teve como participantes 23 mulheres. Segundo os mesmos:

O objetivo desta pesquisa é analisar o conteúdo do discurso de praticantes de ginástica em academias exclusivas para mulheres sobre os motivos dessa prática, com o foco direcionado para as relações que se estabelecem entre esses motivos e o binarismo sexual. (FRAZÃO & COELHO FILHO, 2015, p.150).

Na parte da discussão dispôs de várias respostas, e dentre elas as mais semelhantes foram que, as mulheres se sentiam incomodadas com a presença dos homens quando iam realizar algum exercício, pelo fato dos olhares e gestos que partiam deles, deixando-as desconfortáveis durante o treino. Quem nunca treinou em uma academia e na hora de realizar algum exercício teve que ficar em alguma posição um tanto quanto desconfortável, mas que era necessário para a realização do exercício para trabalhar glúteo por exemplo.

Recordando “que o assédio no trabalho é qualquer conduta abusiva que se manifesta, sobremaneira, por comportamentos, palavras, atos, gestos e escritos” (DINIZ & LOPES, 2002, p.644). Tornando-se uma forma de assédio sexual (caso tenha uma conduta abusiva com conotação sexual, como um toque sem consentimento e um estupro), ou moral, que gera situações desconfortáveis para a vítima. As academias deveriam ser um ambiente com apenas um objetivo, que é a prática da musculação, onde todos os alunos conseguissem realizar o treino de

forma efetiva e finalizá-lo com aquela sensação de bem estar que o exercício físico é capaz de promover. Mas infelizmente, esse tipo de assédio gera um desconforto e uma submissão da mulher, fazendo com que ela evite treinar para esquivar-se de situações assim.

O assédio também ocorre no ambiente virtual, uma vez que pela internet é fácil esconder a verdadeira identidade e se passar por outras pessoas ou até mesmo por se sentir “mais seguro” a praticar o assédio por estar “protegido” por uma tela. Atletas são abordados quase que constantemente por esses perfis que buscam reproduzir condutas de assédio e abusos. Como podemos analisar na Figura 1, uma simples foto de uma jogadora durante uma partida gerou inúmeros comentários de cunho sexual sobre ela mesma, e pela foto estar na internet, isso aumentou a repercussão da foto imagem em escala mundial, já que a internet facilita o acesso a tudo.

Figura 1 – Matéria sobre a atleta Tayla Harris, jogadora de futebol - é vítima de assédio sexual pela internet

Essa foto fez uma atleta australiana sofrer assédio e abuso online

Renata Mendonça
22/03/2019 04h23



Essa é Tayla Harris, uma jogadora de futebol australiano do Carlton Football Club, um time baseado em Melbourne, na Austrália. Ela também é lutadora de boxe e tem apenas 21 anos. Uma atleta nata. Nesta semana, essa foto de um chute dela em uma partida pelo campeonato local fez com que a jovem esportista australiana ganhasse as manchetes dos jornais no mundo todo. Mas infelizmente, esse "reconhecimento" esteve longe de ser o que ela gostaria. A imagem de Harris rodou o mundo pelos comentários abusivos que ela gerou. Foram centenas de mensagens sexuais, um assédio tão brutal que a jogadora disse ter se sentido "sexualmente abusada". (UOL, 2019).

Fonte: UOL(2019)

Como aponta Darcanchy em seu artigo (2005, p.3) “é preciso que o tema se mantenha à tona e que as vítimas manifestem-se: reagindo, denunciando e evitando o agravamento do problema”. Mesmo que o assédio tenha ocorrido de forma online é necessário que ocorra a denúncia, pois trata de um abuso moral (deixando a vítima constrangida) e até mesmo sexual, uma vez que o assediador tem a intenção de humilhar a vítima com comentários de conotação sexual.

Essa forma de abuso pela internet é tão crime quanto se o abuso estivesse acontecendo de forma física. A vítima é afetada da mesma forma e merece ter sua justiça sendo feita. Como por exemplo, na reportagem da figura 2, todas as atletas são menores de idade e ainda sim sofreram inúmeros abusos por comentários de conotação sexual, e na imagem contém apenas uma foto de uma comemoração de um título que elas ganharam.

Figura 2 – Sport Club Internacional é alvo de assédio sexual pela internet.



O Sport Club Internacional, por meio de sua conta no Twitter, repudiou alguns perfis de redes sociais por comentários de cunho sexual em fotos de jogadoras da equipe sub-16. Na noite desta terça-feira (22), o clube gaúcho diz estar indignado e que o conteúdo publicado é de dar nojo. Segundo a nota, medidas legais contra as contas serão tomadas.

Os comentários aconteceram depois que o time feminino sub-16 do Internacional conquistou o Campeonato Brasileiro da categoria no último final de semana. As atletas postaram nas redes sociais fotos segurando o troféu e comemorando a conquista. Algumas páginas de futebol republicaram as fotos das jogadoras com a legenda “a base vem forte”, frase usada quando as categorias de base de um clube possui bons jogadores. Porém, muito dessas respostas foram de cunho sexual, deixando de lado todo o aspecto esportivo. Muitos usuários denunciaram a publicação por ter conteúdo com conotação pedófila, pois todas as jogadoras possuem menos de 16 anos, o Internacional pode fazer a denuncia baseado no artigo

61 da Lei de Contravenções Penais (Lei nº 3688/41) por importunação ofensiva ao pudor. Por se tratar de uma jogadora menor de idade, o clube também pode fazer uma denúncia de pedofilia baseada no artigo 241-D, que fala “Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela participar ato libidinoso”. (UOL, 2020).

Fonte: UOL (2020)

Ainda em 2020, houve mais uma reportagem sobre abuso no esporte, dessa vez com jogadoras de futebol. “A FIFA, como entidade máxima que gerencia o futebol no mundo, suspendeu o presidente da Federação Haitiana por 90 dias como medida protetiva enquanto os fatos são investigados.” (“Jogadoras de futebol haitianas, vítimas de abusos sexuais: um alerta para o esporte!”, 2020). Uma situação de abuso no meio esportivo, sendo que dessa vez o abuso veio do próprio treinador, o Sr. Yves Jeans - Bart, uma clara situação de assédio sexual, onde a hierarquia foi imposta perante as jogadoras pelo próprio presidente da confederação.

Além de ocorrer o abuso sexual em si contra as próprias jogadoras, o técnico Yves Jeans ainda abusou do poder de presidente. Sua conduta dentro de confederação deveria ser para proteger suas atletas e não instigar situações de abusos contra as mesmas.

Figura 3 – Técnico da seleção haitiana é acusado de abuso sexual



Fonte: Ludopédio (2021)

Exercendo uma continuidade no meio esportivo, em uma entrevista com Gisele Trento de Andrade e Silva, para a ESPN, a esportista, armadora na corrida, praticante de bike, musculação, pilates e natação e que atualmente é dona de um

perfil no instagran “Só quero treinar”, compartilhou inúmeros casos sobre assédio e estupro sofrido por mulheres (suas seguidoras) durante o treinamento de corrida.

Você provavelmente já teve que se preocupar com o caminho que iria fazer até o parque, ou o percurso escolhido na rua. É provável que antes mesmo de ter saído de casa, tenha se preocupado com que roupa iria correr. Inclusive, já deve ter passado calor por não ter tido coragem de tirar a camiseta e só ficar de top. Sair para correr muito cedo? Jamais. Sair para correr tarde da noite? Nem pensar. (ELAS SÓ QUEREM TREINAR, 2019).

Esses e muitos outros questionamentos são feitos durante a vida da maioria das mulheres na hora de sair de casa, seja para a prática de exercícios físicos ou não. É sobre ter receio se algo ruim vai acontecer durante o percurso ou se ao menos vai conseguir chegar em casa sem nenhum tipo de ocorrências assim. A atleta ainda relata:

O mais grave aconteceu em um dos treinos de bike, percebi que estava sendo perseguida e que inúmeras vezes o motorista passava com o carro muito próximo ao meu corpo com a intenção de tocar em mim. Com medo e já pensando no pior, vejo o motorista vindo em minha direção novamente, e fazendo gestos obscenos. Não pensei duas vezes, avistei uma mulher e pedi refugio em sua casa. Nesse dia meu marido precisou ir me buscar para ir embora. Além do medo, pânico e trauma, existe a frustração de não ter consigo terminar o treino, o motivo não foi fadiga muscular ou qualquer coisa do tipo, foi assédio mesmo. (BLOGS: ELAS SÓ QUEREM TREINAR, 2019).

A mulher adulta já está atenta a situações desse cunho e pode tentar se defender, mas uma criança ainda não. Para o assediador, a idade não se faz questão. A culpa nunca é da vítima, mesmo assim precisamos alertá-las ao máximo possível para denunciar qualquer tipo de assédio ou abuso que sofreu. Pois isso é uma situação que acontece desde muito tempo.

“Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980” de Almeida (2004), relata casos de preconceito com a inclusão da mulher no meio esportivo com ênfase no futebol, pois, é recordada uma trajetória de grandes dificuldades para as mulheres nesse país sexista, que há 30 e poucos anos atrás existia uma proibição para as mulheres o praticarem. Uma vez que “o preconceito baseado no sexo biológico, que tende a estar presente tanto em homens quanto em mulheres, é chamado de sexismo” (WADE; FERREE, 2015, p. 118), que infelizmente se perpetua até os dias atuais.

Apesar das mulheres terem conseguido conquistar os direitos as praticas esportivas, um direito que deveria ser concedido desde o principio, contudo, o

esforço merece reconhecimento. Atualmente, não existe mais essa proibição para a prática, no entanto, ainda há reproduções de comportamentos machistas dentro do esporte.

Esse esporte passou a estar associado à identidade nacional, porém, este seria um futebol jogado por homens para homens (além de debatido por eles próprios). Não havia o interesse de um espaço às mulheres nessa esfera. Ao contrário, a prática por elas talvez até despertasse um sentimento de revolta por intromissão ou pela sensação de papéis subvertidos. (ALMEIDA, 2013, p.42).

Era presenteada uma superioridade imensa e inexistente ao homem sem ser baseado em nenhum fato cientificamente, pois ambos os sexos possuem capacidade de treinamento, basta querer e se esforçar ao máximo para conseguir, logo as chances deveriam ser as mesmas com o pensamento de que todos tenham oportunidades semelhantes na vida. Porém, em uma sociedade conservadora do século XX a estrutura de uma verdadeira mulher, que segundo a Revista Feminina, deveriam possuir um “ar modesto e uma atitude séria, que a todos imponha o devido respeito” (MALUF e MOTT et. al., 1998, p.370) acompanhado de uma pessoa dedicada, bondosa, simples e tudo que há de mais feminino no mundo, que contradizia muito com o padrão dos homens que podiam praticar o futebol, pela razão de serem másculos, fortes e inteligentes para tal ato.

A imagem da mulher segundo Silva (2001) compreende um ser sensual que necessita ter sucesso com os homens (sexo masculino) para ter sucesso em sua vida profissional e/ou pessoal, exemplificando a cultura do machismo. A mulher atleta já foi e ainda é estampada em várias revistas de cunho sexual para o público masculino com poses provocativas, e a vestimenta que é utilizada como, por exemplo, no vôlei de praia. O uniforme chega a ser tão pequeno que é impossível imaginar como as atletas conseguem ter um bom desempenho em quadra sem se preocupar se o uniforme irá sair do lugar. Um ponto em que os atletas homens nem pensam em se atentar, já que seus uniformes têm apenas um único objetivo, servir para ajudar na performance durante a competição. Já as mulheres são vistas quase sempre como um ícone sexual, mesmo na hora da prática esportiva e esse estereótipo de ser uma mulher sempre sensual ocasiona vários assédios sexuais que podem levar a vários abusos, uma vez que a mulher é idealizada.

Os atributos ditos “masculinos” e “femininos” eram ressignificados conforme os contextos. A exemplo disso, o cabelo curto poderia servir para afirmar

que jogadoras da equipe adversária eram masculinas e, portanto, poderiam ser chamadas de “minos”, bem como era considerado um elemento de distinção para uma jogadora elogiada por apresentar um corte de cabelo “estiloso”, semelhante ao de uma renomada cantora nacional de MPB. (HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS, 2017).

A mulher, e que também é atleta, sempre sofreu estereotipações, e a mídia assim como a sociedade contribuem para isso, “a auto objetivação leva à depressão, causa distúrbios alimentares, reduz a autoestima, a ambição e a capacidade cognitiva. Enquanto as mulheres absorvem a ideia de que nunca são suficientemente bonitas, os homens são estimulados a buscar status e poder” (CABETE, 2019, p.31). Como aconteceu com a ginasta Chelsea Markham.

Chelsea Markham fazia parte da seleção de ginástica dos Estados Unidos, iniciou sua carreira quando criança com o intuito de seguir seus sonhos e se tornar uma ginasta excepcional, porém, infelizmente não foi isso o que ocorreu. Os abusos sofridos pelo médico da seleção Larry Nassar (abordaremos mais para frente esse assunto de uma forma mais aprofundada) começou quando ela tinha apenas dez anos, e que sucedeu a vários distúrbios psicológicos. Segue o relato de sua mãe, Donna Markham:

Sinto saudades dela todos os dias. Tudo começou com ele. Chelsea tinha dez anos e o sonho de se tornar uma ginasta, foi nessa idade que visitou o médico. Na consulta, ele tocou sua vulva sem luva e pediu que nunca contasse a ninguém, pois isso destruiria seus sonhos. A menina entrou em depressão e, aos 23 anos, tirou a própria vida. (UOL; 2018).

Os abusos sofridos pela atleta ao longo dos anos de sua carreira levaram a mesma ao suicídio, anos depois por não ter tido o suporte necessário para superá-los. O abuso sexual não afeta somente o físico da vítima, a atleta Chelsea desencadeou vários traumas psicológicos por todo o abuso sexual cometido durante sua vida no meio esportivo, desencadeando uma depressão que não foi possível ser controlada, levando a atleta ao suicídio.

Se os abusos tivessem sido relatados imediatamente após o ocorrido, talvez Chelsea Markham ainda estivesse viva e seguindo seu sonho, no entanto, esse questionamento nunca irá ter uma resposta. Mas graças a todos os relatos, á todas as atletas que tiveram a coragem de expor os abusos que Larry Nassar foi impedido de continuar cometendo esses crimes. A justiça foi feita.

A prática de qualquer esporte deveria ser um acontecimento de que, independente de quem a pratica, trouxesse satisfação e aquela sensação de dever

cumprido. Contudo, com tantas situações de assédio ocorrendo no meio esportivo é normal pensar que a maioria das atletas se sente apreensivas durante os treinamentos ou não queiram levar adiante a vida de atleta profissional pelos abusos que aconteceram durante a sua trajetória profissional.

3.4 Assédio a ginastas meninas e mulheres: notas de divulgações recentes na mídia.

Nesse capítulo iremos abordar as notícias recentes do século XXI sobre os assédios acometidos aos ginastas e como isso impactou suas carreiras e suas vidas pessoais. Começando pela ginasta Vera Caslavská que competia em provas de ginástica artística, e que obteve sete medalhas de ouro em sua modalidade. Além de ser uma excepcional atleta, Vera Caslavská também salientou a importância que um atleta tem perante a sociedade em prol dos direitos humanos.

Existe Há um documentário de 90 minutos, intitulado “Vera 68”, dirigido por Olga Sommerova, que decorre sobre a vida ginasta Vera Caslavská, abordando muitos pontos significativos sobre sua trajetória no meio esportivo. Durante sua carreira aconteceram houve muitos imprevistos e situações de assédios, como ser banida do meio esportivo por um motivo machista. E quando finalmente conseguiu atuar como técnica, após muitas tentativas de se inserir no meio esportivo novamente, sofreu inúmeros casos de preconceitos de gênero, inclusive pelo próprio marido, mas sempre se reerguendo para ir atrás de seus objetivos e lutar pelos direitos.

O filme-documentário talvez cumpra uma função importante, qual seja, trazer a público a peculiar história de uma ginasta que não se restringiu a ser apenas atleta. Com consciência política acerca da realidade de seu país, das minorias excluídas e maltratadas por governos poderosos, de sua responsabilidade como ginasta perante as novas gerações e como defensora dos direitos humanos, Vera sublinha a importância que uma/um esportista pode (e deve) ter perante a sociedade. (CAMARGO, 2020).

Figura 4 – Vera Caslavka nas paralelas assimétricas em 1967.
Fonte: Ludopédio (2020)



Fonte: Ludopédio (2020)

Vera Caslavka foi uma atleta que ficou conhecida por ser excepcional em suas apresentações e competições da ginástica artística, assim como por defender os direitos humanos. Um exemplo a ser seguido e inspirado pelas futuras gerações. Contudo, esse caminho que foi percorrido por ela não foi fácil. Mesmo sofrendo grandes injustiças e assédios ao longo de sua vida profissional e pessoal ela nunca desistiu de lutar pelo o que acreditava. Um exemplo de que se a justiça fosse feita conforme deveria, a história dela poderia ter sido completamente diferente. Seu nome poderia estar vinculado apenas aos seus títulos, e não aos abusos sofridos.

A exemplo de Vera, outra ginasta não se calou, como foi o caso de Tatiana Gutso:

Figura 5 – Ex-ginásta acusa campeão olímpico de estupro na Copa do Mundo.



Fonte: Globo Esporte (2020)

Apenas 27 anos depois que o estupro ocorreu a ginasta conseguiu se manifestar sobre o ocorrido para conseguir justiça. Foram 27 anos guardando esse crime, vendo seu agressor seguir impune. Esse receio que as atletas (e todo mundo que já sofreu um abuso/assédio) possuem precisam acabar. Mesmo que o assédio venha de um superior, a vítima precisa reivindicar seus direitos, ser um subordinado dentro de uma empresa ou uma companhia não se faz necessário responder aos “favores” sexuais oferecidos pelo seu chefe.

Dentro de uma empresa, aquele que detém o poder, pelos mais variados motivos expõe seus subordinados, ou uma vítima em particular, a situações cada vez mais estressantes, humilhantes ou constrangedoras, durante o seu período de trabalho. A ação ocorre de maneira repetitiva e prolongada, como a aranha que tece uma teia para aprisionar sua vítima até deixá-la imóvel. (DARCANHY, 2005, p.6).

A justiça apenas será feita quando a exposição acontecer. A vítima precisa se sentir segura em seu ambiente de trabalho para denunciar e ter todo o apoio necessário para superar esse trauma, mas antes de tudo, a empresa precisa fornecer essa segurança e transmitir esse apoio para toda a equipe.

A seleção de ginástica artística dos EUA foi manchete por um longo tempo no ano de 2018, porém, infelizmente não foi somente devido aos grandes feitos da ginástica artística em condições internacionais, mas sim, sobre abusos sexuais que as atletas sofreram pelo Larry Nassar, ex-médico da seleção. Após uma das incontáveis vítimas, a medalhista Simone Biles, relatar os abusos sofridos, o julgamento ocorreu. Os relatos foram tão repulsivos que a única pergunta ser feita foi, como tornou-se possível tudo acontecer diante da Federação de Ginástica dos Estados Unidos, da Universidade de Michigan e do próprio CON (Comitê Olímpico Nacional). Esse questionamento só aumenta a apreensão de quantas meninas ainda passam por abusos, pois não tiveram a coragem de expor o abusador.

Figura 6 – Dia de julgamento do Larry Nassar



Fonte: UOL (2020) Fonte: UOL (2020)

Segue relato de alguns comentários sobre as atletas que foram abusados por Larry Nassar durante o tempo que esteve trabalhando como médico da seleção de ginástica artística dos Estados Unidos da América.

“As ginastas são treinadas para aguentarem a dor, para não se queixarem e obedecerem, e ele utilizava essa cultura para executar estes asquerosos abusos. Uma vez, quando tinha 16 anos, introduziu os dedos sem luvas na minha vagina durante 30 minutos fazendo movimentos circulares.” (OBSERVADOR, 2020).

“Pensava que ia morrer”, assumiu McKayla Maroney, num discurso reproduzido na íntegra pela revista *Time*. “O doutor Nassar não era um médico; é, foi e será um abusador de crianças, um monstro de ser humano. Fim da história! Abusou da minha confiança, abusou do meu corpo e deixou cicatrizes na minha cabeça que talvez nunca desapareçam. Mas tenho a esperança que as autoridades não fechem o livro após ser condenado. Da Federação de Ginástica à Universidade de Michigan State ao Comitê

Olímpico, todos devem ser responsabilizados por terem permitido que isto acontecesse sem fazerem nada para o impedir”, frisou. (OBSERVADOR, 2020).

“Larry Nassar colocou-se entre mim e a minha família e aproveitou a vantagem de ser amigo da família para nos quebrar”, sublinhou, citada pela *Reuters*, antes de falar diretamente para o médico no banco dos réus (que nunca olhou para Kyle). “Talvez já tenha percebido agora, mas as raparigas pequenas não ficam pequenas para sempre e transformaram-se em mulheres fortes que vieram para destruir o seu mundo”, concluiu. (OBSERVADOR, 2020).

Nesse caso a justiça foi feita e Larry continuará preso por muito tempo, apesar de não apagar os abusos sofridos a justiça foi feita em nome de todas as atletas abusadas por ele. Por isso é de extrema importância a necessidade de existir uma medida preventiva contra o assédio, por mais que exista uma lei, as atletas – mulheres e homens no geral – não estão seguros de sofrerem o assédio, seja ele moral ou sexual.

Figura 7 – Técnico Fernando Carvalho Lopes é banido da ginástica por ser acusado de abusos sexuais com seus atletas.

Acusado de abuso, técnico Fernando de Carvalho Lopes é banido da ginástica por tribunal



Acusado de uma série de abusos sexuais contra crianças e adolescentes entre 1999 e 2016, o ex-treinador da seleção brasileira masculina de ginástica artística Fernando de Carvalho Lopes foi banido do esporte em julgamento do Pleno do STJD da ginástica, realizado na tarde deste domingo na sede da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) em Aracaju. A punição tem efeito imediato.

O tribunal o considerou culpado com base nos artigos 243 (“constranger alguém, mediante violência, grave ameaça ou por qualquer outro meio”) e 258 (“Assumir qualquer conduta contrária à disciplina ou à ética desportiva não tipificada pelas demais regras deste Código”) do Código Brasileiro de Justiça Desportiva. A base para a deliberação foi o Código de Conduta e Estatutos da FIG (Federação Internacional de Ginástica).

Além do afastamento em definitivo, o ex-técnico da seleção também terá de arcar com uma multa de R\$ 1,6 milhão. A multa é recolhida para a federação à qual está vinculado. Mas, se Lopes não pagá-la, não sofrerá sanção. (GLOBO, 2019).

Fonte: GLOBO (2020)

Contudo, nesse caso, a justiça não foi feita. Fernando de Carvalho Lopes ainda segue em liberdade. Seu caso está em aberto mesmo após 2 anos da primeira denúncia, mesmo havendo diversos relatos e depoimentos de atletas que foram abusados por ele. Um dos atletas abusados pelo técnico da seleção brasileira de ginástica foi Petrix Barbosa, e ele relata sobre os abusos ocorridos desde criança, quando iniciou sua carreira esportiva.

O que mais fazia comigo era todo dia tentar molestar, esse sufoco, essa pressão psicológica para um moleque de 10 anos. Banho junto, espiar. Dormir na cama comigo quando eu não queria. Já acordei com ele, não sei quantas vezes, com a mão na minha calça e eu conseguia tirar e dormir porque eu não ficava parado. Teve gente que não conseguiu ter as mesmas reações que eu. E eu não quero que aconteça mais – disse Petrix Barbosa, uma das vítimas mais famosas de Fernando de Carvalho Lopes, que falou abertamente pela primeira vez sobre os abusos que sofreu. (GE.GLOBO, 2018).

Petrix Barbosa é um ginasta de 26 anos que iniciou sua carreira cedo, com apenas sete anos ele já era uma das principais promessas da ginástica. Foi dez vezes campeão brasileiro mais os inúmeros títulos paulistas conquistados ao longo de sua vida. Por participar de competições com frequência ele viajava bastante, sempre na companhia do técnico Fernando. “Eu era o queridinho. Ele tinha uma paixão por mim que eu nunca soube explicar. E todos viam e sabiam disso” relata o atleta Petrix (GE. GLOBO, 2018). Uma obsessão que foi convertida em vários abusos.

Heloani (2004, p.5) descreve que o assédio moral é iniciado com pouca intensidade a princípio, como algo inofensivo para a vítima, e depois é ramificado com força e a vítima passa a ser alvo de assédio sexual e abusos. Um exemplo de como aconteceu com o atleta Petrix que sofreu os abusos pelo seu técnico de ginástica.

Com certeza (o Petrix foi o que mais sofreu). Hoje eu vejo tudo o que aconteceu e não tem como não se sentir ofendido vendo e sabendo de tudo o que ele fez com o próprio Petrix. Teve uma competição que a gente foi. E na madrugada eu acordei porque tava com sede. Acordei outro atleta para ir comigo porque tinha medo. Era escuro. E quando eu levantei, dei de cara com a cama e o Fernando deitado com o Petrix – conta a vítima B, que desistiu do esporte aos 17 por não suportar os abusos. (GE.GLOBO, “Escândalo na ginástica | Abuso na Ginástica | ge.globo,” 2018).

“O assédio moral é uma forma de coação social, que pode instalar-se em qualquer tipo de hierarquia ou relação social que se sustente pela desigualdade social e autoritarismo”. (DARCANHY; p.3). E nesse caso do atleta Petrix, ele sofreu tanto o abuso sexual como o moral a partir do seu treinador Fernando. Uma conduta abusiva de poder, onde a vítima era obrigada a responder aos favores sexuais de seu técnico.

Não precisamos ir muito longe para entender um motivo de fundo que faz com que isso aconteça. Vivemos num mundo marcado pelo patriarcado, um sistema social no qual o homem (branco, heterossexual, cristão e capaz) se assenta em postos de comandos e controle, tanto como figura de autoridade, quando como liderança política, moral, religiosa e afim. Esse homem exerce sua masculinidade tóxica, orquestrada a seu bel prazer. (CAMARGO, 2020).

Essas reportagens são apenas alguns exemplos do que é noticiado quase diariamente em site sobre atletas e ginastas. Crianças, homens e mulheres, de todas as idades sofrem inúmeros abusos em seu ambiente de trabalho e são silenciados por anos até possuírem a coragem para expor os abusadores. Medidas preventivas contra situações de abusos devem ser feitas, assim como para apoiar a individualidade e fornecer segurança para todos os atletas do mundo todo, para que eles possam se sentir seguros a ponto de poder denunciar sem medo de serem calados.

3.5 Perspectiva de superação desse cenário: ações contra os assédios

Iwamoto (2019) declara que “os esportes são reforçadores das categorias binárias de gênero, não só por instituir duas categorias (masculina e feminina), mas por avigorar a natureza dos movimentos e técnicas corporais de acordo com as categorias” (p.59). Uma declaração que pode consentir com a exclusão de atletas

que não se enquadram nessa categoria pré-estabelecida. A inclusão de todos independentes de seu gênero, deve ser colocada em pauta em prol da inclusão para não conduzir comportamentos preconceituosos ou quaisquer outros tipos que proporcionam desconfortos para os atletas.

Os Estados Unidos da América realizou um manual de “Políticas de inclusão para atletas transgêneros e não-binários”, que engloba várias medidas a serem feitas para que todos se sintam incluído, e não ocorra situações de desrespeito, preconceito ou qualquer outra atitude que possa gerar desconforto para os atletas, evitando a exclusão deles dentro do âmbito esportivo.

A USA Gymnastics apoia a diversidade e a inclusão em todos os aspectos da ginástica e tem o compromisso de fornecer um ambiente seguro, de apoio e de boas-vindas para pessoas transgênero e não binárias em nossa comunidade. A USA Gymnastics desenvolveu esta política e a educação complementar em um esforço proativo para ajudar a orientar e apoiar os membros da comunidade de ginástica. (USA GYMNASTICS, 2020).

Os funcionários presentes nas competições dos EUA levam como missão o respeito e a individualidade de cada atleta, visando o conforto a eles sobre sua sexualidade e sua identidade sexual, é sobre criar um ambiente seguro em que eles possam ser eles mesmos sem pensar no preconceito que sempre sofrem no meio externo diante da sociedade, uma frase muito marcante que compactua com as situações de assédio sofridas.. “Em todos os casos, é fundamental respeitar e ouvir o indivíduo e permitir que ele lhe diga como se identifica” (USA GYMNASTICS, 2020, p.02). Sendo essa uma frase muito impactante e que deve ser levada para outros momentos da vida. Saber ouvir e compreender o que a outra pessoa está dizendo é a base para se manter qualquer relacionamento dentro de uma sociedade diversificada.

Além disso, esse manual deveria servir de inspiração para outros países com o intuito de adequá-lo para quaisquer modalidades existentes, visando sempre a individualidade, inclusão e a segurança de todos os atletas. E cada luta feita pela parcela da sociedade que carrega o fardo de sempre serem alvos de preconceito devem se orgulhar ainda mais. Tendo um foco mais para as mulheres, As suas lutas ocorridas para adentrar ao meio esportivo servem de inspiração para os momentos futuros, são momentos de grande orgulho para o público feminino.

As jogadoras traziam esse sentimento e o levavam ao campo. Construíram a partir de seus sonhos e lutas a história do futebol de mulheres. Uma história que correu, não por acaso, paralela às lutas feministas da época. Essas pioneiras brigavam não somente pela conquista de novos espaços, tidos outrora como referentes aos homens, mas levantavam bandeiras, sobretudo, contra a desigualdade de gênero. (ALMEIDA, 2013, p.132).

O manual “Políticas de inclusão para atletas transgêneros e não-binários” possui grande impacto no mundo quebrando muitas barreiras contra o preconceito e gerando a inclusão de todos. Para as ginastas, que vem sofrendo muitos abusos a ideia de um manual para identificar esses abusos e assédios, seria mais uma forma de prevenção, mas dessa vez, um alerta até mesmo sobre a própria equipe das ginastas, uma vez que o abuso muitas vezes provém deles. Principalmente para as crianças que quase nunca sabem identificar um assédio, o manual seria de grande ajuda para isso explicando perfeitamente a diferença de um elogio e um assédio, por exemplo, situações que muitas vezes o agressor utiliza a desculpa de que era um elogio, e a inocente criança nem saberia identificar que esta sofrendo um abuso. Associando esse manual com a declaração de Camargo (2020):

E, pensando em nosso futebol ou na nossa ginástica, que meninos e meninas não precisem se envolver em favores sexuais para serem selecionados/as ou para obterem melhores condições de vida. É por isso que precisamos falar de sexo, sexualidade, de orientações de gênero e identidades sexuais no contexto esportivo, pois falando de tais questões é bem pouco provável que tenhamos necessidade de tratar abusos sexuais no esporte!

Apenas reafirma o quanto a educação sexual é raramente falada, pois para identificar um abuso, a criança (e inclusive o adulto) precisa conhecer sobre seu corpo, e sobre o que terceiros podem exercer sobre ele ou não, sobretudo no mundo das ginastas, onde o corpo é seu instrumento de trabalho, é a partir dele que é possível as ginastas exercerem seu trabalho, as manobras artísticas, as danças e as acrobacias, seu corpo esta em constante observação a todo momento, mas isso não quer dizer que terceiros podem ter algum poder sobre ele. Os atletas precisam saber o que é consentimento e a falar sobre quando se sentirem desconfortáveis com alguma situação, e é necessário ter alguém de confiança na equipe para isso.

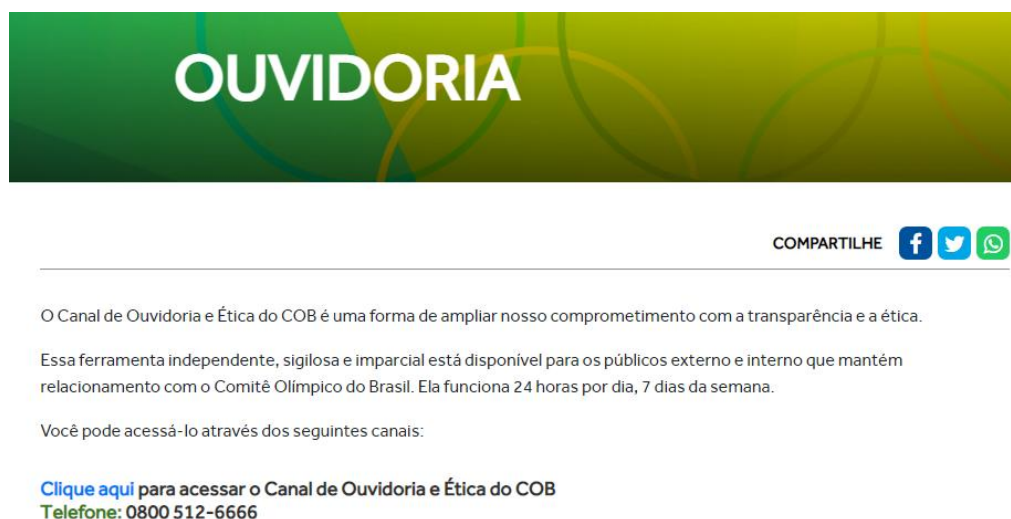
Pensando na ideia e o objetivo que o manual “Políticas de inclusão para atletas transgêneros e não-binários” propõe, no Brasil possuímos:

O Comitê Olímpico do Brasil (COB) é uma organização não governamental, filiada ao Comitê Olímpico Internacional (COI), que trabalha na gestão

técnica, administrativa e política do esporte nacional. A missão do COB é desenvolver e representar com excelência o esporte de alto rendimento do Brasil, trabalhando na melhoria de resultados esportivos do Time Brasil, elevando a maturidade de gestão do COB e Confederações filiadas e fortalecendo a imagem do esporte olímpico brasileiro. É dever do COB ainda proteger e promover os valores olímpicos em território nacional. (“COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL,” 2020).

Em outras palavras, é um comitê que pretende sobrepor a segurança dos atletas em primeiro lugar por isso que gerais de segurança devem ser implementados, como regimes, políticas, canal de denúncia e entre outros. Sendo uma das responsáveis por esse feito, a ex-atleta, e agora gerente do COB, Soraya Carvalho. As ações implementadas se iniciaram em 2018, com a inclusão da política de Prevenção e Enfrentamento do Assédio e Abuso Moral e Sexual, que impulsionou ações e eventos, como o canal de ouvidoria que promove à segurança dos atletas, abrangendo todas as possíveis denúncias e relatos, incluindo os assédios sexuais e morais.

Figura 8 – Página do COB sobre o Canal de Ouvidoria e Ética



Fonte: Comitê Olímpico Brasileiro (2020).

Na figura 8 temos o Canal de Ouvidoria e Ética do COB, um canal específico para denúncias de abusos que os atletas sofreram. O Canal conta com um número de telefone que está disponível vinte e quatro horas por dia, e que também funciona de forma anônima, a vítima não precisa se expor caso queria manter sigilo por ter receio ou medo do que possa vir a acontecer.

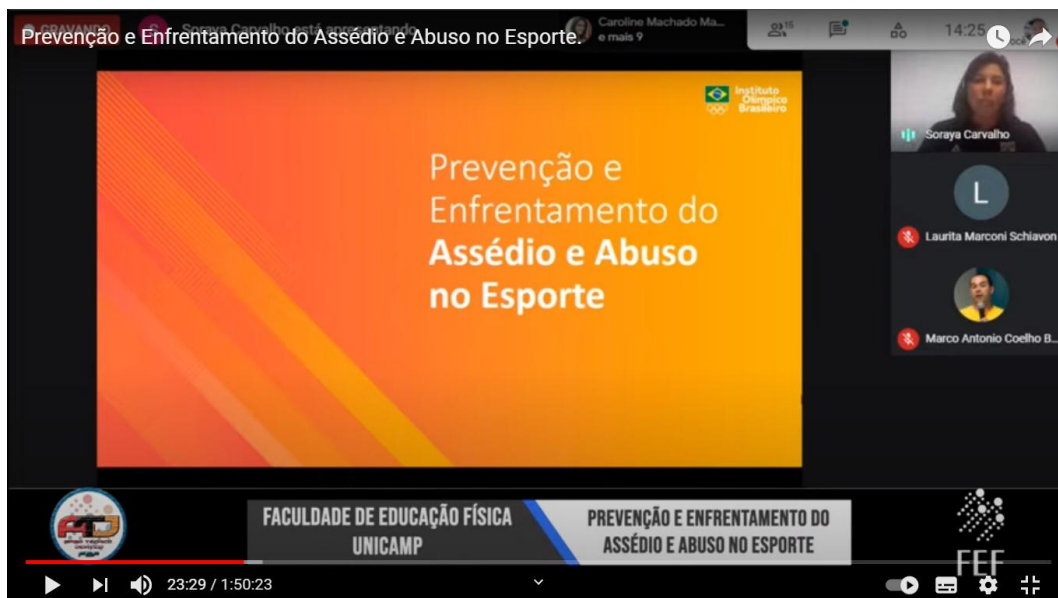
Um exemplo elucidativo desse processo mimético em que a vítima acaba por reproduzir aquilo que lhe é atribuído seria aquele em que se atribui ao sujeito agredido a pecha de ser desatento, não envolvido com seu trabalho, imperito. Em longo prazo, depois de alguns meses, às vezes até anos de sofrimento atroz, desencadeado por essa constante e desmerecedora “adjetivação” direta ou indireta, o indivíduo torna-se exatamente o que lhe foi atribuído. A vítima pode entrar em depressão e sofrer, por exemplo, um longo período de insônia, o que é comum nesse quadro depressivo. Dessa forma, ela pode acabar por se tornar realmente negligente no trabalho, não por seu desejo e sim pela pauperização, pela fragilização de sua saúde física e mental. (HELOANI, 2004, p.6).

Depois de feita a denúncia, as medidas protetivas e preventivas são acionadas para que o processo na justiça possa ser feito de forma eficaz e segura, visando sempre a segurança das vítimas já que o abuso aconteceu em um ambiente de trabalho. E o acompanhamento médico é essencial nessa etapa, uma vez que esses abusos podem desencadear problemas de saúde físicos e até psicológicos, não sendo apenas de imediato, mas também em longo prazo.

“Os espaços sociais e esportivos acabam sendo reflexos da cultura e da sociedade, reproduzindo determinados comportamentos sociais” cita Iwamoto (2019, p.71), que levanta questões a serem discutidas. Como o meio esportivo influencia positivamente na vida de pessoas que estão cogitando adentrar no meio esportivo? Por isso esses espaços para denúncias são tão impactantes para a sociedade, a pessoa precisa ver essas políticas de proteção como uma forma de fazer com que o meio esportivo seja um ambiente mais seguro, que possuem pessoas que prezam pela segurança dos atletas.

Soraya Carvalho (ex-atleta de ginástica e hoje funcionária do COB), foi convidada em conjunto com a Faculdade de Educação Física da Unicamp (FEF-Unicamp) a ministrar uma palestra sobre “Prevenção e enfrentamento do assédio e abuso no esporte”, essa palestra ocorreu via online no ano de 2020, pela plataforma de vídeo youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=5zc19Eqx-9g>), com o intuito de abordar essa temática e apresentar como o COB se manifesta no meio esportivo. Um assunto muito pertinente para se tratar no meio universitário também, ainda mais para os alunos que são da área de Educação Física e Ciências do Esporte, que estudam a área esportiva e que atuarão no futuro como gestores, treinadores etc.

Figura 9 - Página de abertura sobre a palestra Prevenção e Enfrentamento do Assédio e Abuso no Esporte.



Fonte: Canal da FEF-Unicamp (2020)

No ano de 2020 foi criado pelo COB um curso sobre “Prevenção e enfrentamento do assédio e abuso no esporte”, que é gratuito e de fácil acesso para todos os tipos de público, como treinadores, atletas, gestores e familiares, pois o nível de prevenção é igual ao nível de conhecimento. S, segundo Soraya Carvalho, o conhecimento é considerado o melhor para poder se defender, ou seja, é de extrema relevância falar sobre o assédio e o abuso que são acometidos dentro do meio esportivo.

Lembrando que o assédio também ocorre fora do âmbito esportivo, então é melhor pecar pelo excesso do que não saber que ele existe. Conhecimento nunca é exagerado. Por isso, essa palestra está em modo público, todos podem acessar e ter uma aula de conhecimento sobre o que é o assédio e como ele percorre no meio esportivo o que pode ser similar a uma situação no ambiente de trabalho de qualquer pessoa, uma vez que Heloani (2004, p.2) pontua:

Não raro esse procedimento, constrangedor sob vários aspectos, vinha acompanhado de um outro que hoje denominamos assédio sexual, ou seja, constranger-se uma pessoa do sexo oposto ou do mesmo sexo a manter qualquer tipo de prática sexual sem que essa verdadeiramente o deseje. (HELOANI; 2004; p.2)

Seja qual for a conduta de um superior perante a um subordinado que possui qualquer semelhança com um assédio, moral ou sexual, é imprescindível que o empregado saiba os direitos que ele possui, e a quem recorrer.

Com esse curso sendo oferecido é esperado que de fato ocorra as denúncias sobre os assédios, morais ou sexuais, inclusive os próprios abusos, para que a justiça possa ser feita. E em longo prazo é esperado que todos os atletas e familiares estejam prevenidos para situações desse cunho, priorizando a segurança de todos durante os treinamentos e nos períodos de competições. É realçar para os atletas que seu ambiente de trabalho é um lugar digno de confiança e respeito, onde sua vida vale muito.

Sendo essas iniciativas brasileiras e americanas de políticas de prevenção para os atletas um grande passo para a sociedade, pois mostra a iniciativa contra os assédios e abusos sofridos. Infelizmente ainda possui um caminhar pequeno de tudo que ainda precisa ser feito, contudo o primeiro passo já foi feito. É através dessas políticas de prevenção que vão ser repercutidas nas mídias que irá fazer com que o tema sobre o assédio não seja um tabu perante a sociedade, é sobre normalizar discutir sobre esses assuntos.

Ao normalizamos um assunto emitimos uma mensagem de que esta tudo bem debater sobre ele, anulando a sensação de que é errado comentar sobre. O assédio leva essa mesma conduta. Temos que normalizar o fato de expor o abusador e toda situação de assédio que é sofrida pelos atletas. E em hipótese nenhum normalizar o assédio. A culpa nunca é da vítima.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meio esportivo teve sua trajetória quase que sempre dominado e comandado por homens, aos poucos e através de muitos esforços as mulheres tentaram ao máximo obter visibilidade para as pautas de desigualdade de gênero, e aos poucos foram adquiriram o direito, como a participação dos treinamentos e competições, um feito muito importante para quem antes era proibido.

Ao longo desse estudo, podemos afirmar que por meio da análise através de toda a coletânea de dados e informações adquiridas, as ginastas de alto rendimento que sofrem inúmeros casos de assédios em seu ambiente de trabalho, encontram muitas dificuldades na hora de prestar queixa contra o agressor, pois o auxílio e ao amparo que deveria ser dado a elas pela lei não é realizado de forma justa.

O objetivo dessa pesquisa veio com o intuito de gerar conhecimento sobre o assédio (moral e sexual) que é presenciado constantemente pelas ginastas de alto rendimento e em como essas ocorrências afetam profundamente suas vidas, tanto a pessoal como a profissional.

Com essa pesquisa podemos perceber o grau de importância de falar sobre o assédio e os abusos que são cometidos dentro do meio esportivo, pois só quando falamos sobre é que podemos ver a justiça sendo feita. Claro que não é um processo simples, visto que a sociedade segue as normas do patriarcado, ou seja, a palavra de uma mulher é colocada em dúvidas sempre irrelevante quando comparada a de um homem em casos de assédios.

Apesar das divergências teóricas, é preciso destacar que as incursões das mulheres no território esportivo questionaram e romperam mitos de fragilidade e perda da feminilidade, os quais sentenciavam que o esporte não era um espaço a ser adentrado e conquistado pelas mulheres. (JAEGER, 2006, p.203).

E a pesquisa ainda evidenciou que temos um caso grave ocorrido na ginástica artística, que ainda não teve seu abusador penalizado, trazendo uma sensação de injustiça e também não motivando outros/as/es ginastas a fazerem o mesmo. A justiça brasileira ainda é morosa e acaba sendo também permissiva quando não pune o abusador.

Sendo assim, podemos afirmar que todo ser humano é único e possui sua individualidade perante a sociedade, e isso não se faz ninguém inferior ou superior a

nada, simplesmente mostra a diversificação presente nesse mundo, o que não é de se espantar, uma vez que esse mundo comporta inúmeras culturas, gerando diferentes meios de se viver. Enquanto existir o respeito acima de tudo e de todos, a diversificação sempre será bem vinda.

A colaboração do estudo para o tema que aborda os acontecimentos em questão do assédio e suas manifestações na sociedade, como o assédio moral e o sexual. E também com o intuito de explorar e divulgar a trajetória de todas as ginastas que fizeram nome durante a história e colaboraram para a inclusão do público feminino no meio esportivo de alto rendimento.

Ressaltando que as medidas preventivas são uma proposta, como no caso do COB, para a prevenção e não a isenção do assédio em si, pois isso é um caminhar lento, mas que esta em processo. É sobre gerar um impacto gigantesco na sociedade com a repercussão de assunto sobre a temática que envolve os casos de assédios sendo expostos pelas ginastas de alto rendimento. É produzir um conhecimento preventivo para toda a população, proporcionando mais visibilidade sobre o assunto a fim de fazer com que esses atos de assédios e abusos sejam eliminados de vez do meio esportivo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares de. **“Boas de bola”**: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, [S. l.], 2013.

ALSTON, P. The Purposes of Reporting. In: ONU. **Manual on Human Rights Reporting**. New York: 1991.

ALVES, José Augusto Lindgren. **Direitos Humanos como Tema Global**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

ANDRADE, Cristiane Batista; ASSIS, Simone Gonçalves. Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 0, 23, jul., de 2018.

ASSIS, Joanna de. Abuso na ginástica: Justiça suspende processo contra Fernando de Carvalho Lopes. **Globoesporte**. 4, fev., de 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/noticia/abuso-na-ginastica-justica-suspende-processo-contra-fernando-de-carvalho-lopes.ghtml>. Acesso em: 12, nov., 2020.

ASSIS, Joanna de. Escândalo na ginástica. **Globoesporte**. 29, abr., de 2018. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/especial/escandalo-na-ginastica>. Acesso em: 12, nov., 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BAUM, Greg. “Racehorses get treated better”: Gymnasts get a lawyer. **Brisbane times**. 29, jul., de 2020. Disponível em: <https://www.brisbanetimes.com.au/sport/racehorses-get-treated-better-gymnasts-get-a-lawyer-20200729-p55go2.html#:~:text=A%20group%20of%2030%20current,a%20different%20future%20for%20it>. Acesso em: 11 out. 2020.

BRASIL. LEI N° 11.340, de 7 de agosto de 2006.

BOLSON, Bibiana. Vozes do abuso sexual: os dias que o esporte não pode esquecer. **ESPN**. 19, jan., 2018. Disponível em: http://www.espn.com.br/blogs/bibibolson/752945_vozes-do-abuso-sexual-os-dias-que-o-esporte-nao-pode-esquecer>. Acesso em: 13, nov., 2020.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. **La lógica interna de la gimnasia artística masculina (GAM) y estudio etnográfico de um gimnasio de alto rendimiento**. 2004. 667fls. Tese (Doutorado em Educação Física), INEFC Lleida, Universitat Lleida, Lleida, 2004.

BUENO, Luciano. **Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento**. 2008. 296 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutor em Administração Pública e Governo, Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

BULLÉ, Jamille; LARANJEIRA, Lívia. Atletas do Inter feminino sub-16 são alvo de comentários de cunho sexual; clube promete medidas legais. **Globoesporte**. 22, dez., de 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/coisa-do-genero/post/2020/12/22/atletas-do-inter-feminino-sub-16-sao-alvo-de-comentarios-de-cunho-sexual-clube-promete-medidas-legais.ghtml>. Acesso em: 12 nov. 2020.

CABETE, Fernanda Bassi. **Construção da imagem da mulher atleta pela mídia nos jogos olímpicos – Rio 2016: Abordagem cognitivo-cultural**. 2019. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação) - Faculdade de Letras, 2019.

CAHÚ, Graziela Ribeiro Pontes, et al. Assédio Moral: Análise de Conceito Na Perspectiva Evolucionista de Rodgers. **Acta Paulista de Enfermagem**, vol. 25, no. 4, p. 555–559, 2012.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Jogadoras de futebol haitianas, vítimas de abusos sexuais: um alerta para o esporte! **Ludopédio**, São Paulo, v. 132, n.33, 2020.

_____. CAMARGO, Wagner Xavier de. Reviravoltas na trama: ginástica, política e vida de Vera Caslavská. **Ludopédio**, 29, nov., de 2020. São Paulo, v. 137, n. 67, 2020.

CAMPOS, Rafaella Cristina; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MACIEL, Luiz Henrique Rezende. Carreira esportiva: o esporte de alto rendimento como trabalho, profissão e carreira. **Revista brasileira de orientação profissional**, vol. 18, n. 1, jan./jun., p. 31-41, 2017.

CAPITANIO, Ana Maria. Contexto social esportivo: fonte de stress para a mulher? **Revista Educação e Realidade**, revista digital, ano 10, n. 78, p. 01-10, nov., 2004. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd78/mulher.htm>. Acesso em: 11 dez. 2020.

CARAN, Vania Cláudia Spoti et al. Assédio moral entre docentes de instituição pública de ensino superior do Brasil. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 6, p. 737–744, 2010.

‘COMO’..., ‘Como você dorme à noite?’: atletas depõem em julgamentos de médico abusador. **UOL**. 23, jan., de 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/01/23/como-voce-dorme-a-noite-atletas-depoem-em-julgamento-de-medico-abusador.htm>. Acesso em: 11 dez. 2020.

CORRÊA, Alessandra Morgado Horta; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Percurso Semântico Do Assédio Moral Na Trajetória Profissional de Mulheres Gerentes. **Revista de Administração de Empresas**, vol. 47, no.1, p. 22–32, 2007.

DARCANCHY, MARA VIDIGAL. Assédio moral no meio ambiente do trabalho. **Justiça do trabalho: revista de jurisprudência trabalhista do Rio Grande do Sul**, v. 22, n. 262, p. 24-33, out., 2005.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 151–172, set./dez. 2003.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

FACULDADE DE EDUCACAO FISICA. UNICAMP. Canal no Youtube.

FILHO, Rodolfo Pamplona. Assédio sexual: questões conceituais. **Jusbrasil**. Disponível em: <https://rodolfopamplonafilho.jusbrasil.com.br/artigos/675144166/assedio-sexual-questoes-conceituais>. Acesso em: 11 dez. 2020.

FRAZÃO, Deimersom Pereira; COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. Motivos para a prática de ginástica em academias exclusivas para mulheres. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 1, p. 149–158, mar., 2015.

FOLHA..., Folha informativa - violência contra as mulheres. Paho. 2017. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820. Acesso em: 11 dez. 2020.

GINASTAS ..., Ginastas brasileiras de 9 a 15 anos são alvo de assédio pela internet durante a pandemia. **GloboEsporte**. 12, jun., 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/noticia/ginastas-brasileiras-de-nove-a-15-anos-sao-alvo-de-assedio-pela-internet-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 11 dez. 2020

GOELLNER, Silvana Volodre. Mulher e Esporte: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, jul. 2006.

GUERRA, Marcos. Após “brincadeira” vista como racista, ginastas são suspensos da seleção. **Globoesporte**. 20, mai., de 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/noticia/2015/05/apos-brincadeira->

vista-como-racista-ginastas-sao-suspensos-da-selecao.html. Acesso em: 13 nov. 2020.

HELOANI, Roberto. Assédio moral – um ensaio sobre a expropriação da dignidade no trabalho. **RAE-eletrônica**, v.3, n. 1, art. 10, jan./jun., 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1676-56482004000100013&script=sci_arttext. Acesso em: 13 nov. 2020.

IWAMOTO, Thiago Camargo. Movimentos corporais na ginástica artística: para além da estereotipação de gênero e sexualidade. **Arquivos em movimento**, revista eletrônica, v.15, n.1, jan./jul., 2019.

KESSLER, Claudia Samuel; CAMARGO, Wagner Xavier. Além Do Masculino/Feminino: Gênero, Sexualidade, Tecnologia e Performance No Esporte Sob Perspectiva Crítica. **OpenEdition journals**. 30, set., de 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/1488>. Acesso em: 12 nov. 2020

LIMA, Fernando Godinho; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Mulheres no esporte: o começo do portal ESPNW no Brasil. **Revista didática sistêmica**. Rio Grande, v. 21, n. 1, p. 66-84, 2019. Disponível em: <https://seer.furg.br/redsis/article/view/9425/7436>. Acesso em: 11 out. 2020.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de psicologia**, Natal, v.9, n. 3, p. 401-411, set./jan. 2004.

LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Assédio moral: A violência perversa no cotidiano. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, vol. 13, n. 4, p. 643-645. dez. de 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072004000400019. Acesso em: 12 nov. 2020.

LOPES, Yara; SOUZA, Rafael Bellan Rofrigues Souza. Violência contra a mulher, machismo e patriarcado no enquadramento jornalístico. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 19–34, jul./dez. 2019.

MANZATO, Juliana. Elas só querem treinar. **ESPN**. 28, mar., de 2019. Disponível em: http://www.espn.com.br/blogs/espnw/764366_elas-so-querem-treinar-2f7ba5b5-830d-4a76-8aa2-2bc655a9037d. Acesso em: 12 dez. 2020.

MENDONÇA, Renata. Essa foto fez uma atleta australiana sofrer assédio e abuso online. **Dibradoras**. 22, mar., de 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2020/06/12/ginastas-brasileiras-sofrem-assedio-de-pedofilos-durante-a-pandemia.htm>. Acesso em: 12 nov. 2020.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

NO CORAÇÃO DO OURO O ouro: o escândalo de seleção americana de ginástica. Direção de Erin Lee Carr. EUA: HBO, 2019. 1 DVD (90 min.).

OLIVEIRA, Eliany Nazaré; JORGE, Maria Salete Bessa. Violência contra a mulher: sofrimento psíquico e adoecimento mental. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v.8, n. 2, mai./ago., p. 93-100. 2007.

OLIVEIRA, Mauricio. Acusado de abuso, técnico Fernando de Carvalho Lopes é banido da ginástica por tribunal. **Globoesporte**. 31, mar., de 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/noticia/acusado-de-abuso-tecnico-fernando-de-carvalho-lopes-e-banido-da-ginastica-por-tribunal.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2021.

OLIVEIRA, Maurício dos Santos de. **A microcultura de um ginásio de treinamento de ginástica artística de alto rendimento**. 2014. 183fls. Tese (Doutorado em Ciências – Área de Pedagogia do Movimento Humano). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ROSEIRO, Bruno. Larry Nassar. A história do monstro que abusou de centenas de atletas durante mais de 20 anos. **Observador**. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/larry-nassar-a-historia-do-monstro-que-abusou-de-centenas-de-atletas-durante-mais-de-20-anos/>. Acesso em: 2, jan. 2021.

SEVCENKO, Nicolau. **A história da vida privada no Brasil (Volume 3)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**. Revista eletrônica, São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/291-1411-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

SARAIVA, Karla Saraiva; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. **Revista Educação e Realidade**, v. 34, n.2, p. 187-202, 2009.

SILVA, Marco Aurélio Dias da. **Todo poder às mulheres** - Esperança de equilíbrio para o mundo. 3ª ed. São Paulo: Best Seller, 2001.

SOARES, Angelo; OLIVEIRA, Juliana Andrade. Assédio moral no trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 37, n. 126, p. 195-202, jul./dez. 2012.

SOUZA, Terezinha Martins dos Santos. Assédio moral e assédio sexual: interfaces. **Revista de gestão integrada em saúde do trabalho e meio ambiente**, v. 3, n. 2, ed. 3, p. 01-11, 2008.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: Para todas, todes e todos. Rosa dos tempos, 2018.

TOLEDO, Eliana de. **A legitimação da ginástica de academia na modernidade**: um estudo da década de 1980. 2010. 257p. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

VIEIRA, Stephanie. **O site “Dibradoras” como mídia de resistência ao preconceito machista no esporte**. 2018. Monografia (Bacharel em Jjornalismo) - Unipampa, São Borja, 2018.

WADE, Lisa; FERREE, Myra Marx. **Gender** – Ideas, Interactions, Institutions. Nova York: Norton & Company, INC, 2015.